

ISHMAEL BEAH

# O brilho do amanhã

*Tradução*

George Schlesinger



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2014 by Ishmael Beah  
Publicado mediante acordo com Sarah Crichton Books, uma divisão de  
Farrar, Straus and Giroux, LLC, Nova York.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Radiance of Tomorrow

*Capa*

Charlotte Strick

*Foto do autor*

John Madere

*Preparação*

Lígia Azevedo

*Revisão*

Jane Pessoa

Márcia Moura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Beah, Ishmael

O brilho do amanhã / Ishmael Beah ; tradução George  
Schlesinger. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2015.

Título original: Radiance of Tomorrow.

ISBN 978-85-359-2533-3

1. Ficção inglesa — Escritores africanos I. Título.

---

14-12712

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura africana em inglês 823

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

# 1.

*É o fim, ou talvez o começo de outra história.  
Toda história começa e termina com uma mulher,  
uma mãe, uma avó, uma menina, uma criança.  
Toda história é um nascimento...*

Ela foi a primeira a chegar aonde o vento parecia não soprar mais. A vários quilômetros da cidade as árvores se emaranhavam umas nas outras. Os galhos cresciam rumo ao chão, enterrando as folhas no solo para cegá-las de modo que o sol, com seus raios, não lhes promettesse amanhã. Era apenas a trilha que relutava em cobrir completamente sua superfície com a relva, como se antecipasse que em breve sua fome do calor dos pés descalços que lhe davam vida iria terminar.

As trilhas longas e tortuosas eram conhecidas como “cobras”, e sobre elas se caminhava para encontrar vida ou chegar a locais onde a vida vivia. Como cobras, as trilhas estavam agora prontas para trocar a velha pele por uma nova, e tais ocorrências levam tempo, com as necessárias interrupções. Hoje, os pés dela deram início a uma dessas interrupções. Pode ser que aqueles cujos anos tenham muitas temporadas sejam sempre os primeiros a reacender sua rompida amizade com a terra, ou pode ser que simplesmente tenha ocorrido dessa maneira.

A brisa dava pequenos empurrões em seu corpo esqueléti-

co, coberto com um pano roto, fino e esgarçado de muitas lavagens, rumo ao que um dia fora sua cidade. Ela descalçara as sandálias, colocara-as sobre a cabeça e com cuidado pusera os pés sobre a trilha, despertando a terra endurecida com passos suaves. De olhos fechados, conjurou o doce cheiro das flores que se transformariam em grãos de café, perfume que o sopro esporádico do vento bafejava no ar. Era um frescor que costumava tomar conta da floresta e achar seu caminho até o nariz dos visitantes a muitos quilômetros de distância. Tal aroma era para o viajante uma promessa de vida pela frente, de um lugar para descansar e matar a sede, e talvez para pedir orientação se estivesse perdido. Mas hoje o aroma a fez chorar, começando devagarinho, com soluços que então foram se tornando um choro do passado. Um pranto, quase uma canção, para chorar o que se perdera enquanto a memória se recusava a partir, e um pranto para celebrar o que restava, por pouco que fosse, para infundir-lhe resíduos do conhecimento antigo. Ela balançava o corpo ao som de sua própria melodia, e o eco de sua voz a preencheu primeiro, fazendo-a tremer, e então preencheu toda a floresta. Ela lamentou por quilômetros, arrancando arbustos que sua força permitia puxar e jogando-os ao lado da trilha.

Finalmente chegou à cidade silenciosa, sem ser saudada pelo cantar dos galos, pela voz das crianças jogando, pelo som do ferreiro golpeando ferro em brasa para fazer uma ferramenta, nem pelo som da fumaça subindo dos fornos. Mesmo sem esses sinais de um tempo que parecia estar muito longe, sentiu-se tão feliz por estar de volta ao lar que se descobriu correndo para casa, as pernas subitamente ganhando mais força, apesar da idade. Mas, ai dela, ao chegar caiu em prantos. A canção do passado abandonou abruptamente sua língua. A casa fora queimada fazia algum tempo, e os pilares remanescentes estavam escuros da fumaça. Lágrimas consumiram seus profundos olhos castanhos e lenta-

mente rolaram por sua longa face até as maçãs do rosto ficarem encharcadas. Ela chorou para aceitar o que sabia ter acontecido, mas também para permitir que as lágrimas caíssem no chão e chamassem de volta, em forma de espírito, os que haviam partido. Chorava agora porque não fora capaz de fazê-lo por sete anos, pois manter-se viva exigiu separar-se de todo modo de vida familiar durante o tempo em que as armas tiraram as palavras da boca dos anciãos. A caminho de casa, ela passara por muitas cidades e aldeias que se assemelhavam àquilo que seus olhos molhados agora encaravam. Uma cidade em particular lhe parecera mais assustadora que as outras — havia filas de crânios humanos em ambos os lados da trilha que conduzia até ela. Quando a brisa vinha, o que ocorria com frequência, ela sacudia os crânios, fazendo com que girassem lentamente e parecessem virar as órbitas vazias enquanto ela passava apressada. Apesar dessas visões, ela se recusara a empenhar a mente na possibilidade de que sua própria aldeia estivesse carbonizada. Talvez tenha sido a maneira de manter a esperança dentro de si, para continuar alimentando a determinação de seguir a caminho do lar. Ela não queria falar o nome desse lar, nem mesmo em pensamento. Mas alguma coisa tomou conta da sua língua e a fez perguntar: “Será que algum dia isto será Imperi?”.

O nome de sua terra fora liberado aos ouvidos do vento, mesmo com a desorientada pergunta. Ela recuperou o controle dos pés e começou a caminhar pela cidade. Havia ossos, ossos humanos, por toda parte, e tudo o que ela podia dizer era se pertenciam a uma criança ou a um adulto.

Conseguiu trazer à mente a lembrança do aspecto da cidade no dia anterior à fuga, quando começara a correr pela vida. Foi no fim da estação chuvosa, quando todo mundo consertava e renovava a fachada das casas. Havia novos telhados, de sapê ou de zinco, e algumas paredes estavam pintadas com cores fortes,

intensificando a vivacidade da estação seca. Era a primeira vez que sua família tivera condições de cimentar as paredes da casa, podendo portanto pintá-la de preto na base, verde no contorno das janelas e amarelo até o telhado. Seus filhos, netos, marido e ela se postaram admirando o lar. Não sabiam que no dia seguinte abandonariam tudo e seriam separados para sempre.

Quando os tiros varreram a cidade, e o dia em que a guerra entrou na sua vida transformou-se em caos, ela se virou para olhar a casa antes de fugir. Se morresse, queria ao menos morrer com uma boa lembrança dela.

Ela regressara ao lar porque não conseguia achar felicidade completa em nenhum outro lugar. Varrera campos de refugiados e casas de estranhos gentis em busca de um tipo de alegria que não necessitava hospitalidade, algo que ela sabia existir apenas na terra sobre a qual estava. Lembrava-se de uma tarde, não muito tempo antes, que viera depois de dias de fome e, finalmente, da oferta de uma suntuosa tigela de arroz com peixe cozido. Ela comeu, primeiro com vigor, e então seus músculos ficaram mais lentos, sobrecarregando os movimentos da mão até a boca. A pimenta tinha um sabor diferente daquele ao qual sua memória ainda se apegava, e a água que bebeu não foi a de uma pequena cabaça com o cheiro da moringa de barro que refrescava a água da família desde que era menina. Ela terminou de comer e beber para sobreviver, mas sabia que viver era mais do que os sinais temporários de reconhecimento de vida. A única satisfação que restou após terminar foi a memória do som da pimenta sendo amassada num pilão e, com ela, a fragrância cortante que tomava conta do ar em volta do complexo de casas e os risos que se seguiam quando homens e meninos fugiam correndo.

“É tão fácil mandá-los embora”, dizia sua mãe enquanto as

outras mulheres continuavam rindo, olhos e nariz sem mostrar nenhum sinal de desconforto, ao contrário do que acontecia com os homens e meninos.

Ela voltou a observar os ossos, os olhos movendo-se além das pilhas para achar forças para pulá-los. “Essa ainda é minha casa”, sussurrou para si mesma e suspirou, pressionando os pés descalços mais fundo na terra.

A noite vinha chegando, e o céu se preparava para rolar e mudar de lado. Ela sentou-se no chão, deixando a brisa noturna abrandar seu rosto e sua dor, secar suas lágrimas. Quando era criança, a avó lhe dizia que, nas horas mais silenciosas da noite, Deus e os deuses agitavam as mãos e, por meio da brisa, apagavam algumas coisas da face da terra, de modo que o dia seguinte pudesse se acomodar. Embora sua dor não tivesse desaparecido por completo com a chegada da manhã, ela sentiu alguma força nova dentro do coração, que lhe deu a ideia de se desgrudar da terra e começar a limpar os ossos. Começou pela própria casa, com uma pilha nas mãos que tremiam, talvez por causa do ar fresco da manhã ou da emoção de recolher o que restava dos outros. Os pés a levaram na direção da plantação de café, atrás da construção. Segurou os ossos ao mesmo tempo com delicadeza e firmeza, ponderando como tantos podiam ser reduzidos a tão poucos fragmentos. “Talvez seja somente quando a carne mascara os ossos do corpo que você ganha algum valor. Ou será que é aquilo que você faz quando a vida sopra através de você que torna sua memória digna?” Interrompeu as perguntas por um instante para permitir que os pensamentos espalhados se amalgamassem. Sentiu que era esse o modo de enrijecer dentro de si as memórias daqueles que agora carregava com tanta leveza. Sua mente tornou-se um formigueiro cheio de fumaça. Não prestava

muita atenção em que caminho estava indo. Seus pés tinham intimidade com o chão: olhos, ouvidos e coração estavam em outra viagem.

Virou uma esquina e deixou cair a pilha, o coração afundando até a cintura com o baque sonoro dos ossos batendo na terra poeirenta. Suas pernas cederam ao ver as costas de um homem de joelhos juntando ossos como quem junta um punhado de gravetos. Ela sabia que era um homem velho, com o cabelo da cor de nuvens estagnadas. Os movimentos dele exprimiam sua idade. Isso trouxe seu coração de volta ao lugar apropriado, permitindo ao resto do corpo retomar as muitas funções.

O ancião, sentindo uma sombra atrás de si, disse: “Se você é um espírito, por favor, passe em paz. Estou fazendo este serviço para assegurar que, quando as pessoas voltarem a esta cidade, não vejam isto. Sei que os olhos delas registraram coisa pior, mas ainda assim vou poupá-las de uma última imagem de desespero”.

“Vou ajudá-lo, então.” Ela se agachou e começou a erguer os ossos que deixara cair e mais alguns, caminhando na direção dele.

“Conheço essa voz. É você, Kadie?” Ele tremia, as mãos incapazes de fazer o que vinham fazendo desde que chegara, quando o céu apagava da superfície os últimos resíduos de sono. Kadie respondeu baixinho, como que receosa de perturbar o profundo silêncio que se fizera exatamente nesse momento. O coração do velho hesitou em permitir que o rosto virasse e saudasse a amiga. Ficou um tempo sentado observando sua sombra a mover-se. E o tempo todo podia ouvir Kadie chacoalhando os ossos e suspirando enquanto continuava o trabalho. Virar-se para vê-la importaria ao coração o fardo de admitir a condição em que ela se encontrava, qualquer que fosse. Ela poderia estar amputada, deformada de alguma maneira. Permaneceu sentado mais um pouco em seu tormento, e Kadie resolveu pôr fim à hesitação,



pois sabia por que ele escondia os olhos das palavras. Foi para a frente dele e sentou-se no chão. Os olhos do velho haviam se enterrado profundamente na terra.

“Por favor, tire os olhos do corpo da terra e veja sua amiga. Tenho certeza de que seu coração vai executar uma dança de júbilo quando vir que estou tão bem quanto é possível estar.” Ela colocou a mão direita sobre o ombro do ancião. Ele se agarrou à mão dela e, lentamente, como uma criança surpreendida numa travessura, ergueu a cabeça. Seus olhos examinaram o corpo da amiga enquanto sua mente confirmava: ambas as mãos estavam ali, as pernas também, o nariz, as orelhas, os lábios...

“Eu estou aqui, Moiwa, tudo que é meu, como veio ao mundo, está aqui.” A voz dela interrompeu a verificação que a mente dele fazia das partes do seu corpo.

“Kadie! Você está aqui, você está aqui.” Ele tocou o rosto dela. Abraçaram-se e então sentaram-se afastados, olhando-se mutuamente. Ele lhe ofereceu água num potinho velho. Ela sorriu ao servir-se com uma cabaça rachada que boiava. Ele tinha um desses rostos redondos e dignos que mantêm um ar pensativo e pode reter um sorriso por pouco tempo. Sua figura, suas mãos e seus dedos estavam mais finos e compridos.

“Foi a única coisa capaz de reter água que consegui achar no meio das ruínas.”

O que ele não disse foi que uma semana antes chegara mais perto de Imperi, perto o bastante para que seus olhos pudessem ver a grande mangueira no centro da cidade, mas não tivera coragem de entrar. Sua mente logo parou de ter saudades de casa e repassou os horrores da guerra. Começou com lamentos de pessoas que morreram, pessoas que ele conhecia. Fizera uma casa temporária em um dos muitos veículos queimados junto ao rio. Esses veículos um dia tinham pertencido à companhia de mineração que vinha se preparando para iniciar operações seis

meses antes da guerra. A companhia recusara-se a construir uma pequena ponte sobre o rio, do que se arrependeu quando veio a guerra, pois não pôde passar para o outro lado com seus carros novos e equipamentos. Os estrangeiros que iam começar a trabalhar para a mineradora haviam descartado a possibilidade de abandonar seus carros, carregados de comida, roupas e outras provisões, mas os primeiros tiros os fizeram sair correndo, carregando apenas um saco cada um, amontoados em canoas que quase afundavam, tremendo de nervosismo. E imploravam de olhos arregalados para que o dono da canoa remasse mais depressa.

Moiwa perguntou à amiga Kadie como ela trouxera seu espírito à cidade e que trajeto fizera.

“Meus pés tocaram esta terra no dia que deram à luz esta aqui. Percorri a trilha, pois é o caminho no meu coração.” Ela encostou as mãos uma na outra e as esfregou para fazer calor.

“Eu deveria saber, minha querida Kadie!” Ela não mudara seus modos em nada. Kadie quase nunca andava nas estradas. Fazia isso só quando não havia trilha. Acreditava no conhecimento de seus bisavós, que tinham feito as trilhas e conheciam a terra melhor do que aqueles estrangeiros que simplesmente entram em suas máquinas e escavam estradas sem pensar sobre onde a terra respira, onde dorme, onde acorda, onde acolhe espíritos, onde quer o sol ou a sombra de uma árvore. Eles riram, ambos sabendo que parte dos velhos modos permaneciam, embora frágeis. No fim do riso, palavras foram trocadas, brevemente, deixando muita coisa não dita para outro dia, que continuava a ser outro e mais outro ainda. Era melhor deixar algumas coisas sem dizer, enquanto apertados de mão e abraços pudessem cuidar das emoções — até que a voz conseguisse encontrar força para deixar a boca e trazer para fora o que se achava dentro do protegido manto da memória.

Mama Kadie e Pa Moiwa, como todos os mais jovens res-

peitosamente os chamavam, passaram semanas removendo coisas que não pertenciam à superfície da terra. Não podiam saber quais ossos eram daqueles que tinham conhecido. Em algumas casas havia mais ossos do que antigos moradores. Havia ossos entulhados por toda a cidade e nos matagais próximos. O mesmo acontecia nas muitas cidades e aldeias pelas quais passaram; algumas foram incendiadas e outras se tornaram florestas, com árvores crescendo dentro das casas. Assim, decidiram levar os ossos para o cemitério e empilhá-los ali até que toda a cidade entrasse num acordo sobre o que fazer com os restos mortais, quando gente suficiente tivesse retornado. Durante o processo inteiro, não choraram; conversavam muito pouco, exceto quando descansavam. E, mesmo então, apenas em termos mais gerais, sobre o passado, antes de a terra ter mudado.

“Espero que as outras cidades ganhem vida logo. Gosto de vagar pela trilha até outra aldeia no meio da tarde, para me sentar com os anciãos.” Pa Moiwa inspecionava as quatro trilhas que entravam e saíam da cidade.

“Como nos velhos tempos. Você acha que todas essas coisas simples podem voltar a ser nossa vida?”, Mama Kadie indagou. Ela não queria uma resposta, e o amigo não deu nenhuma. Os dois se calaram, cada um pensando no dia em que a vida tinha tomado outra direção, da qual ainda tentavam regressar.

Imperi foi atacada numa sexta-feira à tarde, quando todo mundo voltava do mercado, das plantações e das escolas, para descansar em casa e orar. Era a hora do dia em que o sol fazia uma pausa e contraía o brilho de seus músculos com tamanha intensidade que, mesmo para aqueles habituados à estação seca, o calor era absoluto e insuportável. As pessoas sentavam-se na varanda ou sob a sombra das mangueiras no quintal, tomando chá

quente ou algo gelado, cochichando, pois até mesmos as vozes necessitavam de repouso. A voz excitada das crianças, porém, não precisava de nenhum descanso. Chegava intermitentemente à cidade vinda do rio, onde elas nadavam e brincavam, correndo umas atrás das outras, os uniformes escolares espalhados sobre a grama às margens do rio.

Havia três escolas primárias na cidade e duas secundárias nas proximidades. Apesar de não terem material escolar suficiente, havia um bom número de bancos e carteiras. E os prédios eram sólidos, embora não tivessem portas, janelas ou telhados. Tinham, sim, as aberturas onde deveriam estar esses “ornamentos”, como os chamava o diretor, e onde às vezes pedaços de placas de zinco pendiam das vigas. Os professores costumavam fazer graça: “Quem precisa de coisas cobrindo telhados, portas ou janelas quando precisamos que a brisa sopra pela classe o dia todo senão o calor ensinaria uma lição melhor do que aquela que você planejou para seus alunos?”.

Os professores eram animados, e os alunos mais animados ainda, em seus uniformes coloridos, tão ávidos de aprender que se sentavam no chão sob uma mangueira ou sob o sol quente, recitando empolgados o que lhes fora ensinado.

Os habitantes de Imperi tinham ouvido falar da guerra que estava a centenas de quilômetros de distância, mas não pensavam que ela haveria de penetrar ali, e muito menos ferir gravemente a vida deles. Mas naquela tarde isso aconteceu.

Vários lança-granadas apresentaram a guerra à população de Imperi, quando as bombas explodiram no complexo principal, derrubando todas as paredes e matando muita gente, cuja carne chiava na explosão. Depois vieram tiros, gritos e choro, com pessoas sendo baleadas diante de filhos, mães, pais, avós. Era uma dessas operações que os combatentes chamavam de “Nenhuma Coisa Viva” — matavam tudo que tivesse vida. Qualquer

um que escapasse de tais operações era extremamente afortunado, e os combatentes emboscavam cidades e atacavam, atirando a esmo.

O caos tomara conta de Imperi, e algumas pessoas foram pisoteadas, especialmente os muito velhos e as crianças. Os soldados que passavam, a maioria crianças e um bom número de homens, baleavam aqueles que não tinham morrido na primeira investida. E riam do fato de que, ao debandar, os civis facilitaram sua operação.

Mama Kadie assistira às balas dilacerando seus dois filhos mais velhos e três filhas. Todos tombaram no chão com os olhos arregalados, surpresos com o que acabara de lhes acontecer. O sangue jorrava de diferentes partes do corpo, e então, por fim, os dentes se cobriram de saliva vermelha quando a vida os abandonou. Tudo acontecera tão depressa, e ela correria para eles sem saber exatamente por quê, mas seu coração de mãe fora abalado e isso foi tudo o que pôde fazer. Ela não temia pela própria vida. Mas alguém agarrara seus braços por trás e a arrastara para longe das balas, para longe da clareira e para perto do matagal, onde fora deixada para despertar do choque e onde seu instinto de sobrevivência veio à tona. Em tais circunstâncias, é preciso abandonar não só a dor, mas às vezes até mesmo o instinto materno, e isso precisa ser feito com urgência.

Ela pensou nos netos. E se sobrevivessem, já que estavam no rio? Embora a voz das crianças tivesse deixado de vir com o vento desde o início dos tiros, ela queria descer até o rio, mas sons de tiroteio pesado vinham daquela direção. Deliberadamente virou-se para ver sua casa uma última vez antes de disparar com toda a velocidade que sua idade permitia, as balas voando e atingindo pessoas ao seu redor enquanto ela saía correndo de Imperi.

Pa Moiwa a despertou de seus pensamentos com um deliberado acesso de tosse. Seu rosto, a curvatura das maçãs do rosto em particular, havia traído que memórias difíceis a consumiam.

“Eu estava aqui naquele dia, na mesquita”, ele disse, “e fugi correndo do tapete de orações. Acho que Deus me entendeu, porque me deixou viver aquele dia.” Com uma vara, ele desenhava traços no chão, um meio de se distrair para que as lembranças daquele dia não o tomassem por completo. Ambos sabiam que tinham de adiar por um tempo falar dessa parte do passado. Mas seus pensamentos divergiam. A mente de Pa Moiwa fixou-se no fogo que queimara sua casa naquela tarde. Sua esposa estava na cama, recuperando-se de uma leve doença, e sua neta de vinte anos estava cuidando dela. Quando as viu sair correndo de casa, apagando o fogo do corpo com toda a força que lhes restava, ele pensou que viveriam. Mas duas crianças, um menino e uma menina, as feriram à bala e continuaram atirando em outras pessoas e rindo. Ele sabia que precisava ir antes que o vissem.

“Bem.” A voz de Mama Kadie esperou por força.

“Às vezes a aranha não tem mais teias para tecer, então espera naquela que já está pronta.” Pa Moiwa usou o velho provérbio para assegurar à amiga que mais palavras lhe viriam e ela seria capaz de se fixar em outras coisas que não os horrores do passado. Eles ainda estavam se apegando aos tempos antigos, a um velho mundo que não existia mais. Fragmentos desse mundo, porém, funcionavam vez ou outra. Ela recobrou a voz.

“Bem, fui acabar numa pequena ilha perto de Bonthe. Uma aldeia que não tinha nada além de pescadores, suas famílias e choupanas que o vento jogava no ar e trazia de volta à noite como se procurasse alguma coisa.” Mama Kadie reclinou-se contra a goiabeira sob a qual estavam sentados.

“Fiquei só vagando de um lado para outro durante anos, dormindo onde quer que a noite me achasse”, Pa Moiwa disse. “Muitas vezes minha velhice se tornou uma bênção naqueles dias em que todo mundo desejava que as qualidades da juventude estivessem a seu lado.” Não disse mais nada por alguns instantes, e Mama Kadie não perguntou. Ele estava de novo pensando na guerra, especificamente nas diversas vezes que escapara da morte. Na época em que os soldados decidiram perseguir, em seu lugar, gente jovem, dizendo: “Ele é velho, não desperdicem munição com ele. Não pode ir longe, vamos agarrá-lo e esfaqueá-lo quando voltarmos”. Um grupo de meninos que podiam ser seus netos saiu correndo atrás de pessoas mais ágeis, atirando nelas.

Mas, quando Pa Moiwa voltou a falar, descreveu algo diferente do que tivera em mente até então. “Os ossos e os músculos dos meus pés nunca se sentiram cansados de vagar; na verdade, sentiam-se inquietos. Foi só quando finquei os pés aqui...” Colocou a palma das mãos no chão e esfregou a terra de olhos fechados por alguns segundos antes de continuar. “Foi só aqui que meus pés e meu espírito de repente se sentiram cansados.” Deixou a língua descansar para que o vento falasse.

Os dois só permitiam que aquilo que estava dentro deles tomasse conta de seu rosto, apagando vincos brilhantes mesmo na presença do sol, quando se deparavam com ossos de crianças, especialmente quando havia muitos numa única área. Ambos tinham vários netos; Mama Kadie tinha cinco, e Pa Moiwa seis. Às vezes Mama Kadie observava algumas pilhas de ossos com tanta intensidade que seus olhos marejavam. Esperava reconhecer algo que revelasse a identidade de um de seus netos. Após um longo período de separação, sem saber se estavam vivos ou mortos, às vezes era mais fácil enterrá-los; a dor do desconhecido era forte e nunca acabava.

“Este é de uma menina”, ela sussurrou para si mesma ao examinar o osso pélvico. “E estes são de meninos.” Três de seus netos estavam sempre juntos, então ela queria que os ossos fossem deles. “Se as roupas não tivessem apodrecido...”

Com frequência Pa Moiwa pressionava a palma das mãos sobre os pequenos ossos e esperava ouvir a voz de um dos netos, sentir algo que o lembrasse de um deles, mas nada acontecia. Somente o rosto das crianças e o som do sino da escola naquela manhã antes do ataque preenchiam sua memória. Ele estava convicto de que os ossos se comunicavam com ele, ainda que mal. Costumava levar os netos à escola toda manhã e cumprimentava os moradores de cada casa. Quando essa memória doía em todo o seu ser, ele suspirava.

Os dois anciãos já estavam na cidade havia quase um mês e tinham conseguido fazer uma boa limpeza. Toda manhã, Pa Moiwa se levantava mais cedo que Mama Kadie e ia para o mato verificar as armadilhas que montara na noite anterior. Cada vez que entrava em partes diferentes da floresta, via mais restos mortais. Ele os escondia sob os arbustos ou enterrava para que os bichos não os encontrassem. Voltava com um animal preso nas armadilhas, qualquer que fosse — um porco-espinho, uma galinha-d’angola —, e então o cortava em pedaços e dava para Mama Kadie cozinhar. Não contava a ela sobre os crânios e mãos decepadas que vira, nem como examinara aquelas que tinham restos de carne em busca de marcas de nascença de filhos e netos.

Ela saía vagando pelas velhas plantações à procura de batata, mandioca, qualquer coisa comestível que crescesse nos canchais abandonados para cozinhar com a carne que ele trazia. Mama Kadie também via esqueletos, pendurados nas casas de



fazenda, com os ossos fraturados por bala ou facão. Fazia o melhor que podia para descê-los e encontrar locais de repouso para eles. E não dizia nada disso a Pa Moiwa. Eles cuidavam um do outro durante o dia, mas à noite iam para as ruínas de sua própria casa. Cada um achou um canto para dormir protegido de um lado por uma parede e do outro por pedaços de pau e palha. Lutavam para encontrar sono sobre o colchão que separava seu corpo da terra. Os cobertores em farrapos não conseguiam aquecer seus velhos ossos. Mas estavam em casa, onde sabiam exatamente que árvore os primeiros raios de sol perfurariam, um sinal de Deus para conectar-se com os humanos, todo dia. Tinham de estar em sua terra natal para isso — podia-se ouvir Deus, se possível, apenas por meio das palavras de sua própria terra.

Uma manhã, após o primeiro mês, quando ambos tinham saído em busca de comida, outra pessoa idosa, um homem, chegou à cidade. Também viera pela trilha e vira as pegadas em torno da cidade. Não sabia se eram de amigos, então se escondeu no mato e esperou. A guerra terminara, mas o reflexo da descrença na gentileza de uma cidade quieta permanecia com ele.

Viera da capital, onde fora parar depois de procurar pela família em todos os campos de refugiados. Teve de se registrar em cada um desses campos, então seus bolsos estavam cheios de carteiras de identidade. Não gostou da imundície e do amontoamento de gente, então começou a fazer cestos tradicionais que vendia por dinheiro suficiente para alugar um quarto na parte ocidental da cidade. Seus novos vizinhos tinham pena dele e lhe davam comida todo dia, e as crianças foram tomadas de simpatia por ele, mas essa relação machucava seu coração. Elas o faziam se lembrar de seus próprios netos. Ainda assim, às vezes as levava à escola. As crianças pensavam que ele fazia isso porque gostava,

mas na verdade ia de escola em escola à procura de seu filho, Bockarie, que era professor. Onde quer que ficasse, visitava todas as escolas e observava os professores. Nem sinal dele. Sabia que, para achar algum parente, se a sorte lhe sorrisse, teria de voltar para casa. Portanto, assim que foi anunciado o fim da guerra, começou a fazer planos de regressar a Imperi.

Ao se aproximar da cidade, começou a se lembrar do dia em que fugira, o dia da operação Nenhuma Coisa Viva. Estava na mesquita, e os atiradores entraram e começaram a atirar em todo mundo. Ele caiu, e corpos caíram amontoados sobre ele. Os soldados deram mais alguns tiros para garantir que todo mundo estivesse devidamente morto. Ele prendeu a respiração. Não sabia como tinha sobrevivido àquilo. Depois que se foram, aguardou, ouvindo sons de homens, meninos, meninas e mulheres chorando de dor ao serem torturados e depois mortos do lado de fora. Conhecia a maioria das vozes, e a certa altura seus ouvidos se desligaram por vontade própria. Permaneceu sob os corpos até tarde da noite, quando a operação terminou e não havia mais som de nenhum ser vivo, nem mesmo o piar de um pintinho. Arrastou-se para fora e viu os corpos crivados de balas, alguns retalhados. Saiu correndo pela cidade coberto de sangue e excremento dos que tinham ficado empilhados sobre ele. Durante dias não conseguiu sentir nem cheirar nada. Simplesmente correu e correu até seu nariz lembrá-lo do que estava coberto; então procurou um rio e se lavou. Mas a água não podia extinguir o cheiro, o som e o sentimento daquele dia.

Com o sol cobrindo os ossos frios da manhã com seu calor, Mama Kadie e Pa Moiwa voltaram à cidade. Ambos notaram pe-

gadas que não eram suas e ficaram preocupados. Enquanto cochichavam sobre o que fazer, uma voz escondida falou de dentro do mato. “As marcas que vocês veem sobre a terra são traços do seu amigo Kainesi, cujas palavras de saudação vêm dos pés de café atrás de vocês.”

Encontrar velhos amigos tornara-se algo estranho. “Vou agora me postar diante dos olhos de vocês.” Ele puxou o corpo esguio dos arbustos cujas folhas deixaram gotículas de água em seu rosto. Usava um chapéu azul com as letras NY que os rapazes usavam na cidade. Ele o achara no chão em algum lugar e passou a usá-lo para proteger a cabeça da ira do sol e porque as iniciais no chapéu eram as letras do seu nome de família, Nyama Yagoi. Tirou o chapéu para revelar o rosto todo enrugado, atravessado por cicatrizes que também cortavam o crânio. Um menino talhara seu rosto com uma baioneta e tentara abrir sua cabeça com um facão cego, proclamando que treinava para fazer uma “cirurgia no cérebro”.

No primeiro momento, Mama Kadie e Pa Moiwa não quiseram olhar para o amigo, mas encontraram na expressão um do outro coragem para fazê-lo. Abraçaram-no, apertaram-no entre eles até que ele riu, até que as cicatrizes em seu rosto se ampliaram, parecendo um segundo sorriso.

“Bem, você saiu da loucura com um sorriso a mais!”, Pa Moiwa comentou, e apertaram-se as mãos, os dedos velhos e firmes segurando-se mutuamente por alguns instantes, os olhos profundamente fixos nos do outro.

Mama Kadie queria dizer *Como vai você, seus filhos e netos, sua esposa, a saúde deles?*, respeitando os cumprimentos dos velhos tempos, mas segurou a língua. Agora é preciso ter cuidado para evitar despertar a dor do outro. Colocou as mãos em cada um dos ombros dos dois homens, liberando delicadamente os amigos do estupor de tudo o que tinha acontecido. Pensou: *Nós estamos aqui, vivos, e precisamos seguir vivendo.*

“Agora tenho dois homens para cuidar de mim. Dois velhos amigos cuja força pode ser igual à de um homem jovem.” Todos riram.

“Ainda temos riso entre nós, meus amigos, e esperança de que alguns daqueles com quem o compartilhamos tão profundamente voltem. Estaremos esperando”, Pa Kainesi disse.

E os três velhos amigos entraram nas ruínas da cidade, o ar soprando um pouco mais vívido, despertando as árvores do sono e provocando um pequeno rodamoinho de poeira, como que purificando-se para a possibilidade de vida novamente.